

## A TEORIA DE ANTONIO CANDIDO E A FORMAÇÃO DA LITERATURA AUSTRALIANA

SCHEIDT, Déborah<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em sua teoria de “formação literária”, Antonio Candido condiciona a existência de uma literatura “como sistema” a cinco fatores “em interação dinâmica”, divididos em dois grupos. Os dois “denominadores internos” são uma língua comum e temas que expressem os anseios e a identidade de uma coletividade. Os três “denominadores psicossociais” consistem em autores conscientes de seu papel, um público para as produções desses autores e uma linguagem literária que se traduza em obras. No contexto deste trabalho os denominadores internos são a variante australiana do inglês e as temáticas rurais relacionadas ao *outback* australiano e seus habitantes. Henry Lawson é apresentado como um autor engajado com as questões identitárias da Austrália por meio de sua obra ficcional e poética, o que lhe rendeu imensa popularidade entre o público leitor e um lugar de destaque no cânone australiano. Procura-se, assim, analisar as particularidades da interação entre os elementos formadores da literatura australiana, localizando o momento de formação dessa literatura na segunda metade do século XIX, especialmente na década de 1890.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Candido, formação da literatura, literatura australiana.

## ANTONIO CANDIDO’S THEORIES AND THE FORMATION OF AUSTRALIAN LITERATURE

**ABSTRACT:** In his theory of literary formation, Antonio Candido claims that, for a literature to exist “as a system”, five factors in “dynamic interaction” are required. These factors are divided into two groups. The first group includes two “internal factors”: a common language and themes to express the anxieties and the identity of a community. The three psychological/social factors are authors who are

---

<sup>1</sup> Professora Efetiva do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR. Doutora em Letras – Estudos Literários pela UFPR. E-mail: deborahscheidt@yahoo.com.br.

conscious of their roles, a public for these authors and a literary language materialized into works of literature. In the context of this article, the internal factors are the Australian variant of English and the rural themes related to the Australian outback and its inhabitants. Henry Lawson is presented as an author committed to the questions of identity in Australia by means of his fictional and poetic work, which conferred him immense popularity with his reading public and a special place in the Australian canon. The article attempts to analyse the particularities of the interactions between the formative elements of Australian literature, locating the moment of its formation in the second half of the 19th century, especially in the 1890s.

**KEYWORDS:** Antonio Candido, literary formation, Australian literature.

## LITERATURA COMO SISTEMA

A obra máxima de Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*, fruto de pelo menos uma década de intensas pesquisas e lançada inicialmente em dois tomos em 1959, parte de uma questão crucial para nossa história cultural: em que momento poder-se-ia dizer que o Brasil começou a manifestar uma literatura, no sentido exato da palavra – em contraposição a expressões literárias isoladas? Candido (2006, p. 25) parte de um conceito original de literatura, não simplesmente como um conjunto de textos, mas como “sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase”.

Há cinco desses denominadores comuns, divididos em dois grupos. Os dois “denominadores internos” funcionam como alicerces para a existência de uma literatura em uma sociedade: uma língua que possa expressar as ideias da coletividade e temas que lhe proporcionem uma identidade própria. O segundo grupo inclui elementos de natureza social e psicológica “que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização”. Concomitantemente à literatura como sistema, Candido trabalha com a noção de “tradição”, ou continuidade de padrões literários. Uma tradição literária ocorreria, principalmente, por meio da articulação dos elementos desse segundo grupo, que compreende “produtores literários mais ou menos conscientes de seu papel”, “receptores formando os diversos tipos de público” e “um mecanismo transmissor” na forma de uma linguagem literária consolidada em obras (CANDIDO, 2006, p. 25), ou seja, o famoso triângulo autor-público-obra.

Conquanto o foco de Candido seja a literatura brasileira, este artigo procura demonstrar que, numa perspectiva comparatista, as conclusões quanto à formação de literaturas nacionais podem ser aplicadas a outros países que, como o Brasil, nasceram como colônias europeias e

que foram, paulatinamente, superando o sentimento de inferioridade que sua posição intermediária entre o centro e as margens do império tendiam a inspirar. Esse é o caso da literatura australiana. Se o propósito inicial da colonização no Brasil foi a exploração de matérias primas, enquanto que na Austrália foi a instauração de uma colônia penal, em ambos os países a língua europeia foi instaurada às custas da destruição e marginalização das línguas locais. A literatura “colonial”, quando ela aparece, é relegada a um entre-lugar, para utilizar a expressão que Silviano Santiago celebrizou, pois sendo escrita em uma língua europeia e competindo com obras que assumiram *status* canônico no decorrer dos séculos, não parece encontrar espaço próprio.

Candido (2006, p. 28) já percebe no período neoclássico um desejo por parte dos escritores brasileiros de validar a literatura local e contrapor-se à tendência imperialista de inferiorizar as manifestações culturais coloniais. Foi com o Romantismo e com a Independência, porém, que se iniciou um movimento mais claro em direção ao “esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava a diferenciação e particularização dos temas e dos modos de exprimi-los”. O movimento romântico do século XIX figura, assim, na teoria de Candido como um fenômeno especialmente decisivo para a formação da literatura brasileira, por ser o momento em que os criadores literários revelam muito claramente esse aspecto de conscientização de “sua função histórica, em sentido amplo” que Candido denomina de “caráter empenhado” da literatura brasileira. A tomada de consciência envolve também a firme intenção dos escritores “de escrever para sua terra, mesmo quando não a descreviam” (CANDIDO, 2006, p. 28).

Devido à colonização da Austrália ter ocorrido quase três séculos após a brasileira, o período romântico da literatura australiana, do final do século XVIII a meados do século XIX, de maneira geral caracterizou-se como a literatura colonial brasileira em seus primórdios, por uma escrita de caráter informativo e prático em forma de documentos governamentais, relatos de exploradores, cartas e diários. Mesmo os romances desse período acabavam assumindo a dupla função de satisfazer a curiosidade de um público leitor europeu ávido por novidades sobre as estranhas terras do outro lado do mundo e fornecer dicas de sobrevivência e sucesso aos europeus interessados em emigrar para a Austrália.

A literatura empenhada e a articulação do triângulo autor-obra-público na Austrália, ou seja, a literatura australiana como sistema na teoria de Candido, começa a existir a partir do momento em que as obras deixam de apresentar, direta ou indiretamente, características de literatura de viagens e passam a se dirigir principalmente a um público local. Isso ocorreria na segunda metade do século XIX, quando os olhares tanto dos primeiros australianos quanto dos

imigrantes europeus se voltam para o interior da Austrália e para as possibilidades de exploração agrícola e pecuária das áreas interioranas mais próximas à costa conhecidas como “the bush” (em comparação ao desértico “outback”).

Alguns setores da crítica australiana também perceberam a relevância da tríade autor-obra-público, sem, no entanto, contar com uma obra extensiva como a de Candido para examinar essa inter-relação. Na introdução a *The uncertain self: essays in Australian literary criticism*, obra da década de 1980, Harry Heseltine observa que a literatura australiana até então era usualmente analisada tendo em vista padrões “temáticos”, “éticos”, “coloniais” e “nacionalistas”. Adotando um ponto de vista semelhante ao de Candido, o crítico australiano propõe a necessidade de se considerar as obras literárias como sendo o resultado da interação entre “the creating self, whatever audience the artist believes he may address, and whatever materials may be to hand to form the subjects of his art. (HESELTINE, 1986, p. 1).<sup>2</sup>

Heseltine e Candido têm outras reflexões em comum. Heseltine percebe uma forte nota de “incerteza” ao longo de toda a história da literatura australiana e até mesmo na década de 1890, que seria a era de ouro do nacionalismo na Austrália. Para ele, os autores de uma literatura jovem e que nasceu à sombra do cânone milenar da literatura inglesa necessitam repetidamente “authenticat[e their] own uncertain self in na unfamiliar world.” (HESELTINE, 1986, p. 2).<sup>3</sup> Essa é uma das facetas do que Candido (2006, p. 436) chama de “dupla fidelidade” das literaturas de ex-colônias europeias. Henry Lawson (1867-1922), um dos autores formacionais da literatura australiana, aponta aspecto semelhante dessa dupla fidelidade em seu prefácio para *Short stories in prose and verse*, de 1894:

The Australian writer, until he gets a “London hearing”, is only accepted as an imitator of some recognised English or American author; and so soon as he shows signs of coming to the front he is labelled “The Australian Southey”, “The Australian Burns” or “The Australian Bret Harte”, and lately, “The Australian Kipling”. Thus, no matter how original he may be, he is branded, at the very start, as a plagiarist, and by his own country, which thinks, no doubt, that it is paying him a compliment and encouraging him while it is

---

<sup>2</sup> “o eu criador, qualquer que seja o público que esse artista acredite alcançar e quaisquer materiais que estejam ao seu alcance para constituir a matéria-prima de sua arte” (minha tradução).

<sup>3</sup> “autenticar sua própria individualidade incerta num mundo desconhecido” (minha tradução).

really doing him a cruel and an almost irreparable injury (LAWSON, 1972, p. 108)<sup>4</sup>

Nas seguintes seções examinaremos como se deram na Austrália, na segunda metade do século XIX, as interações entre os cinco elementos que Candido lista como pré-requisitos para a existência de um sistema literário. A obra ficcional e crítica de Lawson será utilizada para iluminar e exemplificar os momentos formativos da literatura australiana.

## A VARIANTE DO INGLÊS AUSTRALIANO COMO LÍNGUA LITERÁRIA

Uma língua nacional para exprimir as aspirações e questões identitárias de uma sociedade é o elemento mais básico para a existência de uma literatura como sistema. Em *Literatura e sociedade*, Candido reflete sobre as relações entre língua e espaço em sociedades colonizadas e estuda a inclusão da palavra “abacaxi” no vocabulário português e sua metaforização após o contato dos portugueses com o “iuá kati”, ou “fruta cheirosa” do tupi:

Se em Gabriel Soares de Sousa (1587) o abacaxi é fruta, nas *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil* (1668), de Simão Vasconcelos, é fruta real, coroada e soberana; e nas *Frutas do Brasil* (1702), de frei Antônio do Rosário, a alegoria se eleva ao simbolismo moral, pois a régia polpa é doce às línguas sadias, mas mortifica as machucadas – isto é, galardoa a virtude e castiga o pecado. [...] Nesta fruta, americana entre todas, compendiou-se a transfiguração da realidade pelo Barroco e a visão religiosa (CANDIDO, 2000, p. 87).

Pode-se perceber, por esse exemplo, tanto o que Candido (2000, p. 88), denomina de “ajustamento do verbo ocidental à paisagem moral e natural do Brasil” quanto o inverso – uma europeização da fruta tropical, que passa a fazer parte do léxico português, mas ao mesmo tempo absorve elementos culturais e religiosos europeus.

---

<sup>4</sup>“O escritor australiano, até que consiga uma ‘audiência londrina’, só é aceito como imitador de algum autor inglês ou americano reconhecido; e, tão logo mostre sinais de proeminência, é rotulado ‘o Southey australiano’, ‘o Burns australiano’, ou ‘o Bret Harte australiano’, e, ultimamente, ‘o Kipling australiano’. Assim, não importa o quão original ele seja, ele será classificado já de saída como um plagiador, e pelo seu próprio país, que sem dúvida acha que lhe está prestando uma homenagem, encorajando-o, quando na verdade está lhe causando um dano cruel e quase irreparável” (minha tradução).

Assim como as frutas tropicais brasileiras, a geografia, a botânica e a zoologia “ao avesso” da Austrália tiveram um papel fundamental no estabelecimento da variante australiana do inglês e no advento do inglês australiano como língua literária. Os primeiros escritores que tentaram fazer literatura sobre temas australianos sentiram-se frustrados e até traídos por uma natureza incapaz de instigar os mesmos sentimentos que, há séculos, vinham estimulando a imaginação dos grandes nomes da literatura inglesa. Em um famoso prefácio a um livro de poemas de 1876, Markus Clarke, escritor nascido na Inglaterra, mas radicado na Austrália tem sérias objeções aos elementos inspiracionais disponíveis:

The Australian mountain forests are funereal, secret, stern. Their solitude is desolation. [...] No tender sentiment is nourished in their shade. In other lands the dying year is mourned, the falling leaves drop lightly on his bier. In the Australian forests no leaves fall. [...] The very animal life of these frowning hills is either grotesque or ghostly. Great grey kangaroos hop noiselessly over the coarse grass. Flights of white cockatoos stream out, shrieking like evil souls. [...] All is fear-inspiring and gloomy. No bright fancies are linked with the memories of the mountains (CLARKE, 1998, p. 51).<sup>5</sup>

Outros escritores coloniais, mais sarcásticos, enxergam os elementos locais como cópias falsificadas dos “originais” britânicos, tais como o juiz Barron Field (1825. p. 430), cujas aspirações literárias são frustradas por topônimos completamente inadequados. No primeiro quartel do século XIX ele observa que “The King’s Table-land”, por exemplo, seria uma afronta à denominação “planalto” e ao nome da Sua Majestade, devido às suas características “anárquicas” e “pouco tabulares”. O local, próximo a Sydney, conhecido como Blackheath insultaria o “belo arrabalde” inglês de mesmo nome, pois “heath it is none. Black it may be when the shrubs are burnt, as they often are”.<sup>6</sup>

Com o passar do tempo, obviamente, ocorre uma adequação entre a percepção dos elementos naturais e sua representação, assim como a própria língua inglesa vai sofrendo mudanças lexicais, semânticas, morfossintáticas e fonológicas, transformando-se numa variante

---

<sup>5</sup> “As florestas nas áreas montanhosas da Austrália são fúnebres, secretas, austeras. Sua solidão é desoladora. [...] Não se nutrem sentimentos ternos à sua sombra. Em outras terras o ano que se finda é pranteado, as folhas mortas caem suavemente sobre o seu esquife. Nas florestas australianas as folhas não caem. [...] A própria vida animal dessas colinas carrancudas é grotesca ou fantasmagórica. Os grandes cangurus cinzentos saltam silenciosamente sobre a grama rústica. Revoadas de cacatuas brancas se dispersam, berrando como almas penadas. [...] Tudo inspira medo e melancolia. As memórias das montanhas não inspiram alegres fantasias” (minha tradução).

<sup>6</sup> “de urze ela não tem nada. Negra pode até ser, quando os arbustos estão queimados, o que ocorre com bastante frequência” (minha tradução).

local. A próxima etapa consiste em essa variante transpor a barreira da oralidade e conquistar o status de língua literária, o que ocorreria na segunda metade do século XIX, com a expansão da consciência nacionalista. Indo de encontro às preferências ainda vigentes na Europa pelo romance vitoriano – longo, de linguagem rebuscada e trama convoluta – a literatura australiana, precoce em relação ao resto do mundo, caracterizar-se-ia pela primazia do conto, caracterizado por uma concisão e objetividade próprias.

Lawson preocupa-se em desfazer tal mito e em 1893 ele escreve no *Bulletin*: “[a] river is not a broad, shining stream with green banks and tall, dense eucalypti walls; it is more often a string of muddy water-holes”<sup>7</sup> e “[a]n Australian lake is not a lake; it is either a sheet of brackish water or a patch of dry sand” (LAWSON, 1972, p. 24).<sup>8</sup> Lawson, com sua personalidade mordaz, também pode usar os termos de modo sarcástico, como no poema cômico “Lake Eliza”, um poema narrativo que brinca com as expectativas frustradas de dois viajantes pelo *outback* de passarem o Natal – ápice do verão australiano – às margens de um lago sobre o qual tinham ouvido falar e que, ao chegarem lá, encontram somente “a patch of grey discoloured sand./ A fringe of tufty grasses” (LAWSON, 1988a, p. 268).<sup>9</sup> Em seus contos, no entanto, Lawson costumeiramente utiliza aspectos físicos da Austrália para enfatizar a resiliência e coragem dos australianos que ousavam percorrer ou estabelecer-se nos espaços rurais, tais como em “The Drover’s Wife”, um dos contos mais populares e conhecidos internacionalmente da literatura australiana.

Henry Lawson é até hoje conhecido como pioneiro do conto australiano. Em termos de temática, Lawson transforma o embaraço e o despeito à natureza australiana da parte de autores coloniais em um certo orgulho sarcástico. Duas expressões são icônicas a esse respeito: “lake” e “river”. As ideias românticas europeias de um lago como um plácido reservatório de águas cristalinas e de rio como uma corrente contínua de água provavelmente influenciavam as imagens mentais dos colonizadores, como também de muitas pessoas já nascidas na Austrália que nunca teriam viajado ao interior do país. Essas imagens apareciam em boa parte da literatura escrita na Austrália ou sobre a Austrália até a popularização da literatura empenhada de Lawson e seus contemporâneos, no final do século XIX.

---

<sup>7</sup> “Um rio não é uma corrente de água ampla, com orlas verdes e paredes densas e altas de eucalipto; na maior parte do tempo é uma sucessão de poços lamacentos” (minha tradução).

<sup>8</sup> “Um lago australiano não é um lago; é antes uma lâmina de água salobra ou uma mancha de areia seca” (minha tradução).

<sup>9</sup> “uma mancha de areia cinzenta desbotada / margeada por tufo de grama ” (minha tradução).

Quanto à representação escrita do inglês australiano, A. A. Phillips (1970, p. 104) é um dos críticos que percebe a precisão e a sutileza com que Lawson consegue representar os ritmos da oralidade australiana. Para Phillips, apesar das dificuldades, Lawson consegue a difícil tarefa de reproduzir a entonação relaxada do socioleto rural, diferindo de muitos escritores cujas tentativas de representar o vernáculo australiano, acabam produzindo “an irritating syntax and a brittle staccato”<sup>10</sup>. Ainda segundo o crítico, “with no model to help him, [Lawson] strikes the note accurately”<sup>11</sup>. Um bom exemplo estaria em uma passagem do conto “Brighten’s sister in law” no qual o narrador-protagonista, Joe Wilson, “conversa” com o leitor a respeito da sensação de ver uma criança tendo uma convulsão: “You never saw a child in convulsions? Well, you don’t want to. It must be only a matter of seconds, but it seems long minutes; and half an hour afterwards the child might be laughing and playing with you, or stretched out dead”(LAWSON, apud PHILLIPS, 1970, p. 104).<sup>12</sup> A sensação de impotência do pai é exacerbada pela total inexistência de cuidados médicos na zona rural australiana. Essa enunciação consegue acrescentar a quantidade certa de tensão emocional à narrativa, mas de uma maneira tão sutil que “perhaps only an Australian reader can hear the rightness of Joe Wilson’s pace”<sup>13</sup> (PHILLIPS, 1970, p. 105).

Assim como no Romantismo brasileiro apontado por Candido, com Henry Lawson e outros autores da “Lawson Tradition”, na década de 1890, o pré-modernismo australiano contribui para a fixação da variante australiana do inglês como linguagem escrita e proporciona, na Austrália, uma língua para a expressão dos anseios de uma coletividade, elemento primordial para a formação de uma tradição literária.

## A TEMÁTICA RURAL NA FORMAÇÃO DA LITERATURA AUSTRALIANA

O segundo elemento crucial para a formação de uma literatura nacional na teoria de Candido é a existência de temas que possam refletir os anseios e expectativas de uma coletividade. No momento formativo da literatura australiana, esses temas – de certa forma comparáveis aos do Regionalismo no Brasil – estão relacionados à aridez física e psicológica que assombrou

---

<sup>10</sup> “uma sintaxe irritante e um staccato dissonante” (minha tradução).

<sup>11</sup> “sem modelo para auxiliá-lo, acerta a nota exata” (minha tradução).

<sup>12</sup> “Você nunca viu uma criança tendo convulsão? Bem, você não vai nem querer ver uma coisa dessas. Deve ser uma questão de segundos, mas parecem minutos que não acabam mais; e meia hora depois a criança pode estar rindo e brincando com você, ou bem morta e esticada” (minha tradução).

<sup>13</sup> “talvez somente um leitor australiano consiga ouvir a precisão do compasso (das falas) de Joe Wilson” (minha tradução).

colonizadores e viajantes desde o início da presença europeia na Oceania. A aridez inesperada com que os primeiros europeus se estabelecessem em uma estreita faixa do sudeste do continente, na região de Sydney. Por várias décadas esses pioneiros e até mesmo seus descendentes já nascidos em território australiano, voltariam suas esperanças, como lembra Russel Ward (1963, p. 23) para o além-mar, para a Grã-Bretanha (chamada nostalgicamente de “Home” com “H” maiúsculo). Uma grande cadeia de planaltos e montanhas, The Great Dividing Range, impedia que os exploradores alcançassem as regiões interioranas. Foi com a descoberta de uma passagem por entre essas montanhas, em 1813, que se descortinou uma nova possibilidade de desenvolvimento econômico para os europeus na Austrália.

A existência de planícies a oeste das montanhas permitiu o desenvolvimento, mesmo que a duras penas, da agricultura e da pecuária, principalmente de ovinos. Surge, assim, um estilo de vida pastoral característico e diferente de qualquer outro na Europa, com grandes propriedades, chamadas em inglês australiano de “stations” e uma diversificada pletera de proprietários e trabalhadores rurais: “squatters” (latifundiários) “selectors”/“cockatoos” (pequenos fazendeiros), “swagmen” e “sundowners” (trabalhadores itinerantes), “drovers” (tropeiros), “shearers” (tosquiadores), “station hands” e “stockmen” (peões)... Com o interesse dos europeus e seus descendentes voltando-se para o oeste, o interior australiano e seus singulares tipos humanos se transformam também em inspiração literária, consolidando-se, assim, as condições para um efetivo processo de formação literária.

Foi retrospectivamente, na década de 1950, que a crítica australiana tomou interesse por esse aspecto formativo da temática rural ocorrido no final do século XIX. A obra de referência nessa área é *The Australian legend* (1958), do historiador Russel Ward. Ward percebe uma identificação “desproporcional” e insistente dos australianos com o “bushman” (habitante das áreas rurais), haja vista que mesmo no século XIX, a maioria dos australianos já vivia nas grandes cidades, como sempre ocorreu na história demográfica do país. Ward trabalha com a teoria de que a imagem que os australianos construíram de si mesmos (e que, como uma construção cultural não corresponde necessariamente à “verdade histórica”) deriva dos anseios igualitários e coletivistas propagados por trabalhadores, especialmente do ramo pecuário, na década de 1890. A mitificação do homem rural foi facilitada pela errância de seus hábitos como trabalhadores sazonais e pela disseminação de “causos” e poemas a seu respeito pela literatura popular de vertente oral. Logo, os *bushmen* ganharam lugar no imaginário australiano como mais habilidosos, corajosos e resilientes do que os australianos urbanizados.

Ao transpor os “causos” que ouvia para o papel e publicá-los em periódicos de grande circulação, tais como o *Bulletin*, Henry Lawson foi um dos grandes disseminadores do culto ao

*bushman*. Um bom exemplo disso está no conto “A hero in Dingo Scrubs”. Essa é a história de Job Falconer (presumivelmente inspirada em uma figura real), que sai de sua fazenda para buscar cuidados médicos para a esposa grávida. Um acidente faz com que quebre a perna e fique imobilizado em uma região inóspita. Sua melhor oportunidade de sobrevivência seria deixar o cavalo retornar sozinho para casa, o que alertaria sua família. No entanto, Job se lembra da história da própria mãe, que havia morrido de colapso quando o cavalo do marido voltou sozinho de uma viagem. Assim, Job opta por atirar no próprio cavalo a fazer esposa passar pelo mesmo trauma. Algumas horas depois, por pura coincidência, é resgatado e o conto tem um final feliz (LAWSON, 1984b, p. 74-79).

Esse conto demonstra a postura irônica recorrente de Lawson com relação ao herói literário e sua identidade australiana. Phillips (1970, p. 66) chama a atenção para o título do conto, em que a palavra *hero* (um elemento literário clássico) vem acompanhado de um topônimo australiano banal e bem pouco épico (*dingo* é uma espécie de cachorro selvagem, hoje em risco de extinção, que atacava animais nos rebanhos e era tido como uma praga; *scrubs* refere-se à vegetação pobre e raquítica em várias partes do *outback*). Com isso Lawson parece alegar que “these are the plainest of plain men, living in plain and unromantic places, but they are distinguished by an unpretentious heroism which springs from a strength and delicacy of feeling” (PHILLIPS, 1970, p. 66).<sup>14</sup>

Assim como Job Falconer, muitos dos heróis das histórias de Lawson são fazendeiros, pequenos proprietários rurais, trabalhadores... em suma, gente comum que enfrenta com maior ou menor sucesso, as adversidades do meio rural australiano. Ao trazer para a literatura aspectos da vida rural, Lawson, que como vários outros escritores da Tradição Australiana, estava sediado em um centro urbano, demonstra pioneirismo em valorizar as peculiaridades das regiões interioranas e tentar interpretar aspectos da vida australiana sob o ponto de vista, ainda incerto e em estágio de formação, de sua própria cultura, ao invés de seguir modelos europeus. A valorização do homem rural efetiva-se por meio da transformação de personagens originalmente de baixo status social em protagonistas, seus enfoques distintos levam a diferentes modos de heroicização. O “bushman” mitificado pela Tradição foi prontamente apropriado pela cultura dominante da Austrália no final do século XIX, desempenhando papel fundamental na formação da identidade nacional. Paradoxalmente, foi escolhido por toda uma

---

<sup>14</sup> “Esses são os mais comuns dentre os mais comuns dos homens, que vivem em lugares banais e pouco românticos, mas são diferenciados por um heroísmo desprezível que provém de sua força e sensibilidade” (minha tradução).

geração para representar o australiano em geral, a despeito de sua baixa representatividade em termos demográficos.

Em termos de formação da literatura australiana, o “mito” ou “lenda” do “bushman”, simpático, porém lacônico, prático, despreocupado e até um pouco negligente, defensor do igualitarismo e contestador da autoridade formal descrito por Ward, servia como resposta local aos heróis empertigados da ficção vitoriana.

### **HENRY LAWSON, *THE BULLETIN* E A LITERATURA “EMPENHADA”**

O desejo dos autores formativos da literatura brasileira de fazer com seus escritos sejam instrumentos de crítica e mudança social está no cerne do conceito de “literatura empenhada” de Candido. O Romantismo brasileiro caracterizou-se por um “senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso” (CANDIDO, 2006, p. 328). A Independência teria reforçado a ideia de “atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional” (CANDIDO, 2006, p. 329).

Na Austrália um frisson nacionalista semelhante ocorreu na segunda metade do século XIX, especialmente na década de 1890 (ou “the nineties”), que ficou famosa pelo engajamento de escritores, poetas, artistas e editores. O período entre 1890 a 1920 também ficou conhecido pela proeminência dos periódicos na cultura australiana. H. M. Green (1968, p. 719-721) observa que essa “era de ouro” dos periódicos caracterizou-se tanto pela quantidade quanto pela qualidade das publicações. O ambiente cultural favorável do período refletiu-se na valorização das manifestações culturais locais, até então em situação de desprestígio quando comparadas às publicações importadas da Europa. Foi um período de saudável competição por públicos leitores e o avanço nacionalista do pensamento democrático e da onda republicana impulsionava as produções culturais locais.

O mais famoso e duradouro desses periódicos foi, sem dúvida o *Bulletin*, fundado em 1880 (sua última edição ocorreu em 2008). Numa época de difícil acesso aos vastos territórios do interior, o *Bulletin* tinha um alcance e uma popularidade fenomenais. Leitura obrigatória tanto nas cidades quanto nas rodas de fogueira do *outback* ou nos barracões de trabalhadores rurais itinerantes (e até mesmo entre os não alfabetizados, já que a leitura em voz alta nesses locais era uma prática comum), a fórmula de sucesso da revista estava em dar espaço para que poemas, contos, *yarns* (“causos”) e comentários de pessoas comuns, em uma linguagem próxima à que utilizavam em seu cotidiano, figurassem lado a lado tanto às publicações de

escritores profissionais quanto à literatura folclórica e anônima, tais como as *bush ballads* (historietas cantadas de temática rural) da tradição oral. O *Bulletin* ajudava a fixar e valorizar a variante australiana, não só por apresentá-la nos textos publicados, mas até mesmo ao incluir uma sessão especial para “australianismos”.

O *Bulletin* também desempenhou um papel importante em descobrir e patrocinar escritores que se fariam parte do cânone australiano, dentre os quais está Lawson, que fez sua estreia literária no *Bulletin* aos 20 anos de idade, com o poema político “The song of the Republic”. Um outro poema em que se percebe o engajamento de Lawson é “Faces in the street”, um lamento sobre a esqualidez da vida proletária nos centros urbanos.

Baseado em experiências pessoais e com forte cunho político, “Faces in the street” questiona o mito de “working man’s paradise” [paraíso do trabalhador] (frase de um famoso romance de 1850, ainda em estilo vitoriano, de Henry Kingsley que se popularizou como uma definição da Austrália). Lawson questiona a suposta reputação paradisíaca nos seguintes termos:

They lie, the men who tell us in a loud decisive tone  
That want is here a stranger, and that misery’s unknown  
For where the nearest suburb and the city proper meet  
My window sill is level with the face in the street –  
Drifting past, drifting past  
To the beat of weary feet  
While I sorrow for the owners of those faces in the street. (LAWSON,  
1984a, p. 48)<sup>15</sup>

O que o eu lírico vê de sua janela (e que o leitor “ouve” em cada estrofe do poema) são os movimentos apáticos, cansados, apressados, desesperançados, dos pés dos transeuntes, indo e voltando do trabalho.

A temática do caminhar é bastante recorrente na literatura australiana e reaparece com muita frequência nos contos ambientados em áreas rurais do interior de Lawson, como também de seus seguidores da chamada “Lawson Tradition”. Em muitos desses contos, existe uma oposição entre essa visão melancólica, individualista e solitária da vida na cidade e o caminhar coletivo do *outback*, em que a atividade estava ligada ao trabalho itinerante das várias classes

---

<sup>15</sup> “Eles mentem, os homens que nos dizem em tom alto e categórico,/ Que a necessidade é estranha e este lugar e a miséria desconhecida/ Pois onde o subúrbio e o centro da cidade se encontram/ Meu parapeito nivela-se com os rostos na rua –/ Arrastando-se, arrastando-se,/ Ao ritmo de pés exaustos/ Enquanto eu sinto pena dos donos desses rostos na rua” (minha tradução).

de trabalhadores mencionadas na seção anterior. Esse perambular de homens entre a costa e o interior e entre as propriedades rurais longínquas da zona rural historicamente desempenhou um papel importante na unificação da Austrália como nação. Como constatam David Carter e Gillian Whitlock (1989, p. 123), ao compartilharem narrativas, esses viajantes criavam uma sociedade australiana “imaginada”, ao contrário de colônias isoladas, administrativamente autônomas e até mesmo competitivas entre si no início do processo de colonização. Não é coincidência que as viagens e jornadas estejam no cerne do surgimento do nacionalismo em forma de comunidades imaginadas, como propõe Benedict Anderson (2009, p. 94).

Outra característica desse caminhar pelo interior é a prática do “mateship”. Peter Goodall (1995, p. 88) define “mateship” como uma categoria de “pure masculine camaraderie”.<sup>16</sup> Na definição de Gwenda Davey e Graham Seal (2003, p. 186), mateship é “[t]he code of male bonding and camaraderie often said to lie at the core of Australian national identity. Endemic in the folklore of the strongly male-oriented bush tradition and also implicit in the traditions of the digger [...]”.<sup>17</sup> A alta incidência dessa temática na literatura da tradição rural se dá devido às condições cruéis do interior australiano para os colonizadores europeus e seus descendentes. Percorrer o outback sozinho de fazenda a fazenda em busca de trabalho sazonal podia pôr em risco a saúde física e mental e até mesmo a vida do indivíduo, o que levava esses trabalhadores a procurarem a companhia, normalmente temporária, de outro viajante, que se tornava automaticamente um “mate”.

Lawson, nas palavras de Harry Heseltine (1972, p. 342), seria uma espécie de “padroeiro” do “mateship” australiano. O diferencial que Lawson demonstra em relação a outros autores que fizeram uso dessa temática, Heseltine sustenta ainda, é que, ao invés de se aterem a uma perspectiva única e idealizada do “mateship”, dezenas de contos de Lawson apresentam múltiplas facetas e sutilezas dessa prática. “Mateship” para Lawson pode refletir o sentimentalismo (e até mesmo lirismo) dos “mates” isolados em um acampamento improvisado no meio do nada (“A love story”), um antídoto para a solidão e as grandes distâncias (“Rats”, “The bush undertaker”), uma expressão de humanismo social (“Send round the hat”), da lealdade entre os “mates” (“Telling Mrs. Baker”), assim como a recorrência da ironia como estratégia de sobrevivência (“The union buries its dead”), dentre muitos outros exemplos.

---

<sup>16</sup> “pura camaradagem masculina” (minha tradução).

<sup>17</sup> “o código de vínculo e camaradagem masculinos frequentemente considerado como central para a identidade nacional australiana. Endêmico no folclore da tradição australiana, rural e masculina, e também implícita nas tradições do soldado australiano” (minha tradução).

Nas últimas décadas do século XIX e início do XX, tendo o *Bulletin* e outros periódicos e jornais como meios de divulgação, Henry Lawson e dezenas de outros autores engajaram-se em criar uma literatura sobre a Austrália para um público australiano em inglês vernáculo, recusando o modelo importado do romance vitoriano em vigor até então e prenunciando o modernismo em uma linguagem própria.

## O PÚBLICO-LEITOR E A MANUTENÇÃO DE LAWSON NO CÂNONE

Candido enfatiza a posição do leitor na tríade que compõe sua teoria de sistema literário, o que o diferencia de outros críticos e historiadores da literatura brasileira. Mais do que resultado do aparecimento mágico de ideias na cabeça de um autor, pondera ele “a criação é eminentemente relação entre grupos criadores e grupos receptores de vários tipos” (CANDIDO, 2006, p. 67). Nessa teoria dialética, autores, leitores e obras estão interligados:

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição do autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio.

Lawson fez uso de várias estratégias citadas anteriormente para o estabelecimento de seu público leitor e da posição que assumiria no cânone australiano. Uma delas foi a adoção da variante linguística local e mais próxima das formas orais do inglês australiano que soava familiar aos leitores e, ao mesmo tempo, ao firmar um *status* literário para a língua vernácula, esta tornava-se um instrumento poderoso para asserção da individualidade cultural do australiano. Com isso Lawson passou para a história como um dos grandes consolidadores da modalidade australiana do inglês. Esse processo de reconhecimento da própria voz foi potencializado pela presença das temáticas locais. A inovação da obra de Lawson, além da representação aparentemente despretensiosa do heroísmo do “bushman” em seu dia a dia, enfrentando os rigores do meio em busca da sobrevivência no interior australiano, estendia-se também a aspectos formais, ou seja, à objetividade e concisão do conto pré-realista que os leitores passaram a identificar como uma expressão de australianidade. Lawson estava atento às aspirações por expressão e autoafirmação de seus leitores e ajustou seu modo de produção e

divulgação para suprir essas necessidades, fazendo uso de publicações periódicas para alavancar edições de suas obras em forma de livro. Mas, principalmente, em um momento histórico em que literatura e política se mostravam intimamente ligadas, ele se engajou na construção de ideias específicas de nação (“nationess”), contribuindo para a “criação” do conceito de Austrália que temos hoje.

A popularidade de Lawson teve seu ápice na virada do século XIX para o XX. De certa forma, essa popularidade se mantém nos dias de hoje. Uma consulta rápida a livrarias *online* demonstra que o autor continua tendo suas obras reeditadas com frequente periodicidade, tanto em forma de livros impressos como digitais, fato que se sobressai ainda mais quando se leva em conta que a maior parte de seus textos pode ser acessada gratuitamente em *websites* tais como Project Gutenberg. Ademais, a presença de Lawson no conteúdo programático requerido para o H.S.C. (Higher School Certificate) certamente reforça sua manutenção no cânone australiano.

Judith Wright (1967, p. 24) chama a atenção para o prestígio de Lawson com seu público, que ela resume em ter mostrado “Australians to themselves in the light of art, and had thereby lifted them, in the hard bare circumstances of their lives, into a kind of immortality”.<sup>18</sup> O seu grande apelo popular residiria no fato de ter feito isso “not by standing apart from them, but by sharing in those lives himself and suffering their conditions”.<sup>19</sup>

Muitas têm sido, como vimos, as divergências quanto ao valor de Lawson para a sociedade australiana, as quais, contudo, não impediram a sua imagem dúplice de “city bushman” de ter sido repetidamente evocada como ícone cultural “oficial”, pelo menos desde que se tornou a primeira personalidade relacionada às artes a receber um funeral com honras de estado em 1922. Seguiu-se a apropriação de seu *status* de celebridade pelos mais diversos setores da sociedade australiana, conservadores ou progressistas. Lawson tornou-se, nas palavras de Christopher Lee (2004, p. 63), “bigger than Literature”<sup>20</sup> e sua reputação “a source of national capital”<sup>21</sup>, sendo “usada e abusada” tanto por patriotas radicais como por antinacionalistas, por sindicalistas de tendência socialista pregando um futuro mais igualitário ou por instituições de cunho imperialista nostálgicas quanto ao passado “tradicional” e até mesmo pelo *marketing* turístico australiano.

---

<sup>18</sup> “os australianos a si mesmos à luz da arte, elevando-os, assim, no âmbito das circunstâncias penosas e desadornadas de suas vidas, a uma espécie de imortalidade” (minha tradução).

<sup>19</sup> “não ao apartar-se deles, mas ao compartilhar de suas vidas e se submeter aos seus sofrimentos” (minha tradução).

<sup>20</sup> “maior que a literatura” (minha tradução).

<sup>21</sup> “uma fonte de capital nacional (minha tradução).

Indo na contramão das tendências de estudo literário no Brasil – que em grade medida sempre se caracterizaram pela adoção de teorias estrangeiras para analisar a literatura local – este trabalho procurou demonstrar como uma teoria brasileira pode ser utilizada para investigar uma literatura estrangeira. A efetiva interação dinâmica entre língua, temáticas, autores, obras e públicos leitores, se dá com a inscrição do espaço rural na ficção australiana na segunda metade do século XIX, utilizando as variantes locais do inglês, elevando o australiano comum a objeto da literatura e promovendo experiências específicas de nação. Com isso, Henry Lawson participou ativamente da formação da literatura de seu país na acepção da palavra “literatura” preconizada por Antonio Candido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARTER, David; WHITLOCK, Gillian. Institutions of Australian literature. In: WALTER, James (ed.). *Australian studies: a survey*. Melbourne: Oxford University Press, 1989.
- CLARKE, Marcus. Preface to Adam Lindsay Gordon’s poems. In: BOEHMER, Elleke (org.). *Empire Writing: An Anthology of Colonial Literature, 1870-1918*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- DAVEY, Gwenda Beed; SEAL, Graham. *A guide to Australian folklore*. Sydney: Kangaroo Press, 2003.
- FIELD, Barron (ed.). *Geographical memoirs on New South Wales by various hands*. London: John Murray, 1825.
- GOODALL, Peter. *High culture, popular culture: the long debate*. Sydney: Allen & Unwin, 1995.
- GREEN, H. M. *A history of Australian literature*. v. 1. Sydney: Angus and Robertson, 1968.
- HESELTINE, Harry. Saint Henry – our apostle of mateship. In: RODERICK, Colin (ed.). *Henry Lawson criticism: 1894-1971*. Sydney: Angus and Robertson, 1972.
- \_\_\_\_\_. *The uncertain self: essays in Australian literature and criticism*. Melbourne: Oxford University Press, 1986.
- LAWSON, Henry. *A camp-fire yarn: Complete works 1885-1900*. Sydney: Lansdowne Press, 1984a.
- \_\_\_\_\_. *A fantasy of man: Complete works 1901-1922*. Sydney: Lansdowne Press, 1984b.
- \_\_\_\_\_. *Autobiographical and other writings: 1887-1922*. Sydney: Angus and Robertson, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Letters: 1890-1922*. Sydney: Angus & Robertson, 1970.

- LEE, Christopher. *City bushman: Henry Lawson and the Australian imagination*. Fremantle: Curtin, 2004.
- PHILLIPS, A. A. *Henry Lawson*. New York: Twayne Publishers, 1970.
- WARD, Russel. *The Australian legend*. Melbourne: Oxford University Press, 1966.
- WRIGHT, Judith. *Henry Lawson*. Melbourne: Oxford University Press, 1967.